

“Ele foi orçado, mas não planejado!”: a infância na contemporaneidade

“He was budgeted but not planned!”: childhood in the contemporary world

“¡Él fue presupuestado, pero no planeado!”: La infancia en la contemporaneidad

Celia Vectore¹ , Marilene Proença Rebello de Souza² , Thaís Vectore Pavanin³ ,
Ana Caroline Dias da Silva⁴ 

^{1 3 4} Universidade Federal de Uberlândia

² Universidade de São Paulo

Brasil

Fecha correspondencia:

Recibido: junio 20 de 2017.

Aceptado: marzo 22 de 2018.

Forma de citar:

Vectore, C., Rebello de S., M.P., Vectore P., T., & Dias da S., A. C. (2018). “Ele foi orçado, mas não planejado!”: a infância na contemporaneidade. *Rev.CES Psico*, 11(2), 37-52.

Open access

© Copyright

Licencia creative commons

Ética de publicaciones

Revisión por pares

Gestión por Open Journal System

DOI: [http://dx.doi.org/10.21615/](http://dx.doi.org/10.21615/cesp.11.2.4)

[cesp.11.2.4](http://dx.doi.org/10.21615/cesp.11.2.4)

ISSN: 2011-3080

Resumo

O presente estudo traz algumas reflexões sobre o modo como a infância tem sido tratada na contemporaneidade na nossa sociedade. Objetiva contribuir com apontamentos que vão desde as propostas educativas elaboradas ao longo da história para a infância até aspectos relativos à presença da criança na mídia, no consumo e, finalmente, na cada vez mais frequente patologização da vida infantil. Questões como - até que ponto a sociedade atual, com suas mídias e apelos para o consumo e o foco exacerbado na adultização tem cuidado de suas crianças? Por que as crianças estão cada vez mais sendo medicadas? O que fazer diante desse panorama atual em que se torna evidente uma sociedade altamente medicalizada e medicalizante? – são tratadas no texto, a partir da revisão da literatura pertinente. A infância é reconhecidamente uma etapa fundamental para o desenvolvimento de todos os seres humanos e as considerações ao longo do estudo evidenciam como o brincar, vislumbrado como a atividade própria da infância, vem sendo desconsiderado na atualidade, em favor de atividades do mundo adulto num preocupante retorno da imagem criança como adulto em miniatura.

Palavras-chave: Infância, Brincar, Mídia, Patologização, TDAH, Contemporaneidade.

Abstract

The present study provides some reflections about the way in which childhood has been addressed in the contemporary world in our society. It aims to contribute with observations ranging from the educational proposals elaborated throughout history to aspects related to the child’s involvement in the media, consumption, and finally, childhood pathologizing as an aspect that is becoming more prevalent. Issues such as - ¿To what extent does current society with its media and appeals for consumption and the exacerbated focus on impose adult behaviors on early ages, care for its children? ¿Why are children increasingly being medicated? ¿What can we do for the current panorama in

Comparte



Sobre los autores:

1. Professora Titular do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. Mestre e Doutora pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Pós-doutora pela Università degli studi di Ferrara, Itália e pela Faculdade de Educação da universidade de São Paulo. Atua em temáticas ligadas à educação infantil, ludicidade e aprendizagem mediada.

2. Professora Titular da Universidade de São Paulo. Psicóloga da Universidade de São Paulo. Mestrado, Doutorado e Livre-Docência em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo.

3. Psicóloga pela Universidade Federal de Uberlândia e Mestranda junto ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia.

4. Psicóloga pela Universidade Federal de Uberlândia e Mestranda junto ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia.

which a highly medicalized and medicated society becomes evident? – are discussed in the text, from the relevant literature review. Childhood is recognized as a fundamental stage for the development of all human beings and some considerations throughout the study show how playing, considered as a characteristic activity of childhood, is being disregarded today, in favor of the adult world pursuits in a concerning return of the child image as adult in miniature.

Keywords: Childhood, Play, Media, Pathologization, ADHD, Contemporary.

Resumen

El presente estudio trae algunas reflexiones sobre el modo en que la infancia ha sido tratada en la contemporaneidad en nuestra sociedad. Tiene como objetivo contribuir con apuntes que van desde las propuestas educativas para la infancia elaboradas a lo largo de la historia hasta aspectos relativos a la presencia del niño en los medios, en el consumo y, finalmente, en la cada vez más frecuente patologización de la vida infantil. Cuestiones como - ¿hasta qué punto la sociedad actual, con sus medios y llamados al consumo y el foco exacerbado en la adultización, tiene cuidado de sus niños? ¿Por qué los niños están siendo medicados cada vez más? ¿Qué hacer ante este panorama actual en que se hace evidente una sociedad altamente medicalizada y medicalizante? - se tratan en el texto, a partir de la revisión de la literatura pertinente. La infancia es reconocida como una etapa fundamental para el desarrollo de todos los seres humanos y las consideraciones a lo largo del estudio evidencian cómo el jugar, vislumbrado como la actividad propia de la infancia, viene siendo desconsiderado en la actualidad, a favor de actividades del mundo adulto en un preocupante retorno de la imagen del niño como adulto en miniatura.

Palabras clave: Infancia, Jugar, Medios, Patologización, TDAH, Contemporaneidad.

Introdução

A frase que intitula este texto – “Ele foi orçado, mas não planejado!” – foi dita por uma mãe aparentemente bem intencionada, que buscava junto a uma psicóloga escolar, orientações de como tornar seu filho de 13 meses de idade, mais esperto e inteligente, já que há um grande número de serviços especializados ofertados nos dias de hoje, como aulas de disciplinas diversas, esportes, coaching infantil, entre outros. Chama a atenção no fato relatado, os termos usados pela mãe, representados num primeiro momento, pela necessidade de um orçamento que deve ser equacionado para se criar um filho com todas as benesses da sociedade atual e, na sequência, pela necessidade de planejamento para viver a maternidade; no caso em questão, a criança não havia sido planejada e não havia espaço na rotina dessa mãe, para se incumbir das tarefas da maternidade, considerando que, naquele momento a prioridade era a sua carreira.

A situação dessa mãe, longe de ser exceção, vislumbra um quadro preocupante que se refere ao lugar da criança na contemporaneidade. Historicamente, tem-se que a concepção de infância passou por uma série de alterações e valorações, indo do extremo descaso do passado ([Ariès, 2006](#); [Badinter, 1985](#)), ao pleno reconhecimento da importância e das especificidades desse estágio de vida na atualidade. Todavia, vale apontar que há controversas em relação aos escritos de Ariès, como a explicitada por [Kohan \(2003\)](#), que entende que ao longo da história da humanidade, em especial antes da Idade Moderna, é possível identificar períodos em que a infância é considerada com características próprias, encerrando um período diferenciado ao longo do desenvolvimento humano.

Controversas à parte, tem-se que os antecedentes do interesse pelo estudo sistemático da evolução psicológica da criança nos primeiros anos de vida encontram-se em obras de filósofos e pensadores europeus que vão de Platão a Aristóteles a Comenius e Rousseau. Em Platão encontra-se a ideia da importância dos cuidados a serem dispensados à criança, porque a sua alma é como cera mole onde fácil e fortemente se gravam as primeiras impressões que influenciarão a vida adulta. Já [Aristóteles \(1985\)](#), realça o papel da família para o adequado desenvolvimento infantil. Por sua vez, Comenius reconhece a importância da educação desde a mais tenra infância para a constituição do homem: "O homem, para ser homem, precisa ser formado" ([Comenius, 2006, p. 71](#)).

O filósofo e teórico político Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), em seu livro *Emílio ou Da Educação* (2004), publicado em 1762, realçou a importância do desenvolvimento natural, espontâneo da criança; chamou a atenção para as necessidades infantis e para as condições de seu desenvolvimento, sendo o primeiro a ver claramente a diferença entre a mente da criança e do adulto. Para Rousseau, "a humanidade tem seu lugar na ordem das coisas. E a infância tem o seu na ordem da vida humana" (2004, p. 69), em outras palavras, a criança deve ser entendida não como um adulto em miniatura, mas como um ser dotado de características próprias.

Na prática, as ideias de Rousseau converteram-se em aplicações educacionais graças notadamente ao reformador suíço Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), que concebia a educação como a única possibilidade de mudança das terríveis condições de vida do povo; deve ser um processo carinhoso e feliz, no qual as crianças podem se desenvolver de modo natural em um ambiente planejado e adequado. Para ele, a família era primordial, mas não é suficiente como agente educador, necessitando do complemento da escola e das demais instituições educacionais, que representam o meio vital e social no qual a criança deve ser inserida.

Comenius, Rousseau e Pestalozzi foram os precursores, do século dezessete ao dezenove, do reconhecimento dos direitos da criança. Suas contribuições desembocam em Froebel, uma figura fundamental da psicologia e da pedagogia da infância, cujos trabalhos priorizaram a importância do jogo como método característico para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças pequenas. Educá-las dependeria, em não pequena medida, de respeitá-las em sua individualidade e qualidades dinâmicas e ativas de sua natureza, com a redução do caráter estrito e formal dos procedimentos educacionais e ênfase na atividade, na manipulação de objetos, na liberdade de exploração e expressão ([Vectore, 1992](#)).

A partir principalmente, das contribuições acima mencionadas e da ampla divulgação das ideias de Froebel em escala internacional e o entusiasmo suscitado em alguns educadores da Europa e das Américas atrelado aos avanços na compreensão das particularidades da criança, propiciadas pelos avanços da psicanálise e das psicologias experimental e cognitiva, da pedagogia, de médicos e de outros profissionais, tem-se que a infância adultizada, descuidada e com índices alarmantes de mortalidade infantil passa a ocupar um espaço de realce nas preocupações de diversos segmentos sociais, ao nível nacional e internacional, o que redundou em uma série de recomendações e legislações. No Brasil, deve se destacar o Estatuto da Criança e do Adolescente (2013), como um marco emblemático da valorização e dos cuidados a serem dispensados à criança, vista agora na perspectiva de um sujeito de direitos.

O filósofo e teórico político Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), em seu livro *Emílio ou Da Educação* (2004), publicado em 1762, realçou a importância do desenvolvimento natural, espontâneo da criança; chamou a atenção para as necessidades infantis e para as condições de seu desenvolvimento, sendo o primeiro a ver claramente a diferença entre a mente da criança e do adulto.

Entretanto, na prática, a questão que se coloca é até que ponto a infância presente nas sociedades nessa segunda década do século XXI têm efetivamente considerado as especificidades desse estágio de vida? Responder a esta questão não é tarefa fácil, sendo necessário considerarmos alguns aspectos nesse imenso caleidoscópio, que a cada rotação expõe múltiplas possibilidades de se abordar a criança na contemporaneidade. Sem a intenção de traçar um panorama exaustivo da infância no presente momento, este texto objetiva contribuir com apontamentos que vão desde as propostas educativas para a infância até questões relativas à presença da criança na mídia, no consumo e, finalmente, na cada vez mais frequente patologização da vida infantil.

Apontamentos acerca da infância na contemporaneidade

Ao se pensar na infância na contemporaneidade é importante destacar o papel das famílias, cujo próprio conceito passou por várias alterações nos últimos anos. O Código Civil brasileiro de 1916 previa que a família seria constituída somente pelo casamento, já com a Constituição Federal de 1988, houve o reconhecimento também da união estável e da família monoparental. Atualmente, com a emergência de diversos outros modelos familiares tem-se em 2013, a criação do Projeto de Lei do Senado nº 470, conhecido como "Estatuto das famílias". Para citar algumas entidades familiares previstas pelo Projeto, além das já elencadas acima, estão as famílias parentais (mono e pluriparental) e as famílias recompostas. É importante destacar que essas novas configurações familiares referem-se a um fenômeno global, estando presente em diversas sociedades, como por exemplo, na sociedade colombiana, conforme mostra o estudo de [Tobón, Vega y Cuervo \(2012\)](#).

As transformações ocorridas na família ao longo das últimas décadas passaram a demandar um maior cuidado e atenção, especialmente, no que se refere às crianças e, simultaneamente, à posição da mulher no mundo contemporâneo. A mulher continua lutando pela igualdade plena de direitos, encontrando-se no duplo papel de trabalhadora e mãe, com exigências altíssimas para ambos. Tal inserção não possibilitou a essa somente mais liberdade e autonomia, mas também exigiu desta uma reformulação da maternidade e do próprio papel de mãe, o que inclui os seus desejos e possibilidades na criação de seus filhos. Tal equação parece ainda não totalmente resolvida, o que remete ao fragmento do relato mencionado no início do texto.

A vida em sociedades altamente competitivas e especializadas intensificou a preocupação, o desejo, a necessidade e a busca por uma super qualificação dos filhos. É facilmente observável, nos dias de hoje, o grande número de atividades que as crianças desde pequeninas devem cumprir rotineiramente, como por exemplo, uma diversidade de aulas (idiomas, natação, informática, desenho etc). Nesse contexto, o que se prioriza é um vir a ser, com ênfase num futuro distante, do mundo adulto onde estar apto aos melhores cargos no mercado de trabalho deve ser o objetivo a ser perseguido desde os primeiros anos de vida.

No que tange aos cuidados dos pequenos, há um processo de institucionalização da infância, destacando-se a permanência, cada vez maior da criança em atividades regradas, normatizadas, em que se identifica a falta do tempo livre das crianças, quer pela ausência ou pela insuficiente presença de brincadeiras com o grupo de pares envolvendo o correr, o saltar, os movimentos corporais, as disputas que permitem explorar os sentidos, enfim admitam o gozo do brincar que, segundo [Leontiev \(1998\)](#) no período pré-escolar se constitui na atividade principal da criança, com a ressalva de que o termo principal refere-se ao impacto do lúdico no desenvolvimento global

A vida em sociedades altamente competitivas e especializadas intensificou a preocupação, o desejo, a necessidade e a busca por uma super qualificação dos filhos. É facilmente observável, nos dias de hoje, o grande número de atividades que as crianças desde pequeninas devem cumprir rotineiramente, como por exemplo, uma diversidade de aulas (idiomas, natação, informática, desenho etc).

e, não necessariamente ao tempo dispendido na ação. Espaços mais restritos das residências e falta de planejamento urbano das grandes cidades, atrelados à violência cotidiana são fatores constituintes de tal situação.

Autores como [Kishimoto \(2011\)](#), [Moyles \(2002\)](#) e [Bomtempo \(2001\)](#) entre outros, elucidaram a importância da ludicidade em contextos infantis. Entretanto, atividades lúdicas e brincadeiras sem uma finalidade específica, a não ser a do prazer que evocam são com frequência pelas famílias e por várias propostas curriculares voltadas para a infância, vistas como perda de tempo e que devem, portanto, serem substituídas por atividades consideradas mais "sérias", representadas pelas aulas diversas que se alocam numa agenda repleta de compromissos; um olhar mais atento, parece indicar uma adultização da infância enquanto processo social e um retorno ao "adulto em miniatura", identificado por Rousseau em 1762, ao demonstrar que a criança tem suas próprias especificidades.

É importante destacar que, as instituições educacionais voltadas para o atendimento à infância tem assumido um importantíssimo papel social, principalmente junto às crianças pequenas, pois, cada vez mais e em idades mais tenras participam desses contextos. Contudo, o que se observa nas rotinas na maioria das creches e pré-escolas, em especial as brasileiras, é o pouco espaço dado às brincadeiras, à livre expressão infantil, em favor de atividades conteudistas, muitas vezes, maçantes e distantes da realidade das crianças.

Dados de ampla pesquisa coordenada por [Campos \(2010\)](#) acerca da qualidade da educação infantil no Brasil, mostram por meio da aplicação das escalas observacionais *Early Childhood Environment Rating Scale Revised Edition - ECERS-R* ([Harms, Cryer, & Clifford, 1998](#)) e *Infant/Toddler Environment Rating Scale Revised Edition - ITERS-R* ([Harms, Cryer, & Clifford, 2003](#)) que, os ambientes de creches e pré-escolas carecem de um nível adequado de qualidade. Vale esclarecer que as escalas avaliam parâmetros de qualidade de contextos educacionais como infraestrutura, programas e aspectos interpessoais, "que afetam diretamente as crianças e os adultos em um cenário de educação infantil" ([Carvalho & Pereira, 2008, p. 270](#)).

Numa análise aligeirada do que é ser criança na contemporaneidade, o quadro que se delinea inclui matizes que vão desde o escasso tempo livre para brincadeiras e afins até a necessidade de foco no futuro; o importante passa a não ser o aqui e agora, o tempo presente, mas a preparação para uma etapa ainda longínqua, vivenciada no presente e estimulada pela mídia, pelo consumo e até pelas doenças que até pouco tempo atrás eram praticamente exclusivas de adultos. Patologias orgânicas como hipertensão e diabetes, agora são facilmente encontradas junto à população infantil, sendo o sedentarismo, que leva ao sobrepeso e obesidade, normalmente identificado como fator promotor de tais comprometimentos ([Associação Brasileira para o Estudo da obesidade e da Síndrome Metabólica- ABESO, 2016](#)). Um interessante documentário exibido pela BBC de Londres (2010) alertou que, está em curso o desenvolvimento de uma geração que morrerá antes de seus pais!

Segundo Associação supracitada,

"Deve haver um constante reforço estruturado em relação ao comportamento, envolvendo aumento de brincadeiras que envolvam atividade física vigorosa (pelo menos 1 hora por dia), redução do uso de telas (menor de 1 hora por dia somando televisão, computador, videogame estático, celular, tablet, etc),

Patologias orgânicas como hipertensão e diabetes, agora são facilmente encontradas junto à população infantil, sendo o sedentarismo, que leva ao sobrepeso e obesidade, normalmente identificado como fator promotor de tais comprometimentos (Associação Brasileira para o Estudo da obesidade e da Síndrome Metabólica- ABESO, 2016).

metas de alvos da dieta, mas sem nenhuma menção de metas de peso para o paciente, especialmente nos adolescentes” (ABESO, 2016, p. 137).

O quadro ora delineado pode ser reforçado, quando se destaca os efeitos da mídia e da publicidade elaboradas para provocarem o desejo de consumo junto ao público infantil. Nesse cenário são facilmente observáveis as propagandas de alimentos nutricionalmente pobres e calóricos, que contribuem para o ganho de peso, brinquedos sem nenhum apelo à criatividade da criança, jogos de computador, que estimulam o sedentarismo e o enaltecimento de valores sociais referentes ao universo adulto. Assim, a questão que se coloca é até que ponto a sociedade atual, com suas mídias e apelos para o consumo e o foco exacerbado na adultização, tem cuidado de suas crianças?

Considerações sobre a imagem da criança na mídia e sua relação com o consumo

Ao se refletir acerca da infância na atualidade, faz-se importante destacar um dos maiores meios de comunicação da sociedade atual: a mídia. Esta se apresenta praticamente onipresente, seja pela televisão, revistas, internet, jornais, rádio etc. Seu fácil acesso aos lares, logo tomou a atenção dos pequenos. Como aponta Duarte (2008), a sociedade brasileira é uma das mais audiovisuais do planeta: aproximadamente 98% dos lares brasileiros possuem ao menos um aparelho televisivo.

O que diferenciava as crianças dos adultos era o acesso a determinados conhecimentos e informações – como alguns “segredos” do mundo adulto –, porém, com os meios de comunicação de hoje, as crianças têm acesso a tudo, o que reduziria a distância dessas em relação ao que é relativo ao mundo adulto.

Em meio a isso, observa-se a proliferação de conteúdos publicitários voltados às crianças, bem como a presença de crianças em anúncios de produtos voltados para o público adulto. Além disso, novelas infantis e versões “kids” de programas de auditório têm se tornado cada vez mais comuns, elevando as audiências e comovendo telespectadores, como o já reconhecido “The Voice Kids” – *reality show* musical que teve início na versão adulta –, que aumentou em 64% a audiência da emissora no domingo (O Dia, 2016).

De fato, como pontua Linn (2006), o consumo infantil, segundo dados do mercado infantil nos EUA, arrecada cerca de US\$ 15 bilhões por ano, sendo que o poder de persuasão das crianças nas compras dos adultos aproxima-se de US\$ 600 bilhões, o que explicaria a presença de crianças nos mais diversos produtos, de automóveis a planos de telefonia móvel. McNeal (2000) expõe que as crianças representam até três tipos de mercado, como: um mercado primário de consumidores que gastam o seu próprio dinheiro de acordo com seus desejos e necessidades; um mercado de influência voltado para o gasto do dinheiro de seus pais em benefício próprio; e um mercado futuro de todos os bens e serviços que proporcionarão um fluxo contínuo de novos consumidores.

Postman, em 1999, quase às portas do terceiro milênio, já afirmava que com o advento dos meios de comunicação eletrônica, com destaque à televisão, observou-se o desmoronamento da fronteira que delimitava a infância da idade adulta. Para o autor o que diferenciava as crianças dos adultos era o acesso a determinados conhecimentos e informações – como alguns “segredos” do mundo adulto –, porém, com os meios de comunicação de hoje, as crianças têm acesso a tudo, o que reduziria a distância dessas em relação ao que é relativo ao mundo adulto. As crianças, inclusive, percebem o caráter desvelado da televisão, o que fica explícito na afirmação de uma criança, participante de uma pesquisa de Fischberg (2008), dizendo que nos dias de hoje, os pais não conseguem esconder nada, uma vez que a televisão mostra tudo.

Assim, [Postman \(1999\)](#) conclui que a TV destruiria a linha divisória entre infância e idade adulta de três formas, todas relacionadas a sua acessibilidade indiferenciada: diferentemente dos livros, que requerem a alfabetização, a televisão não necessita de nenhum treinamento para apreender a sua forma; não faz exigências complexas à mente ou ao corpo; e não segrega seu público.

A questão da indiferenciação entre público infantil e adulto, é vista como positiva e negativa, pelas crianças, já que por um lado, permite que tenham acesso a programas que consideram relevantes para sua formação, em especial, novelas ([Duarte, Migliora, & Leite, 2008](#); [Fischberg, 2008](#)), que segundo [Fischberg \(2008\)](#), são os programas prediletos de crianças entre quatro e 11 anos de idade. Por outro lado, para as crianças os conteúdos com temática violenta, associados à programação adulta, são vistos como desnecessários e causadores de sofrimento ([Alegria, 2008](#); [Duarte et al., 2008](#)).

É preciso pontuar ainda que desde de Postman, vários outros meios de comunicação têm aparecido e ocupado o dia a dia de adultos, adolescentes e crianças, suscitando novas questões e preocupações. Assim, como afirmam Strasburger, Wilson e Jordan (2011) não restam dúvidas que os jovens de hoje vivenciam um ambiente midiático, principalmente mediado pela World Wide Web –www-, muito diferente do que tinham seus pais e avós. Para se ter uma ideia, o termo “googlar” em referência às pesquisas realizadas através do site de pesquisas Google foi incorporado, como verbo, em 2006 no dicionário norte-americano Merriam-Webster ([Público, 2006](#)), indicando no mínimo uma mudança na forma de realizarmos pesquisas e de acesso ao conhecimento, além da influência da Internet nos modos de vida contemporâneos.

À proporção que as novas tecnologias se propagam, a natureza da mídia tradicional vai se transformando. Se antes a tela da TV servia exclusivamente para assistir transmissões televisivas, hoje é usada para uma gama bem mais ampla de atividades, como compras *online*, visualização de fotos e vídeos, *video-on-demand* etc. ([Strasburger et al., 2011](#)). Tal convergência das mídias, lançou luz sobre novos mercados direcionados aos mais jovens consumidores, [Strasburger et al. \(2011\)](#) apontam que iPods coloridos e telefones celulares têm sido cada vez mais demandados por estudantes do ensino fundamental, e colocam ainda que a proliferação dos *smartphones*, que permitem acesso à internet, possibilitam aos jovens experienciar a mídia 24 horas por dia, sete dias por semana. Em relação ao uso da rede pelos jovens, os autores destacam algumas preocupações mais recorrentes, que se referem ao acesso indiscriminado a conteúdos de natureza sexual e pornográfica, violência, publicidade de produtos alimentícios na forma de *advergames*¹, além de propagandas de álcool e tabaco e informações sobre drogas, jogos de azar, aquisição de remédios sem prescrição, sem falar de sites que solicitam informações pessoais sobre a criança e sua família, que muitas não hesitam em passar em troca de um brinde.

Em uma pesquisa recente, [Twenge et al. \(2018\)](#) constataram inclusive que adolescentes que utilizaram a maior parte de seu tempo fazendo uso das novas mídias, incluindo as redes sociais e dispositivos eletrônicos, como *smartphones*, eram mais propensos a reportar problemas de saúde mental do que aqueles que passaram a maior parte do seu tempo realizando atividades que não envolviam a tela, como interações sociais em pessoa, esportes e outras atividades físicas, lição de casa e mídia impressa. Os autores apontam que desde 2010, os adolescentes têm passado mais tempo justamente junto às mídias eletrônicas, e sugerem que o aumento da depressão e do suicídio entre os jovens pode estar relacionado a esse uso.

Em uma pesquisa recente, Twenge et al. (2018) constataram inclusive que adolescentes que utilizaram a maior parte de seu tempo fazendo uso das novas mídias, incluindo as redes sociais e dispositivos eletrônicos, como smartphones, eram mais propensos a reportar problemas de saúde mental do que aqueles que passaram a maior parte do seu tempo realizando atividades que não envolviam a tela, como interações sociais em pessoa, esportes e outras atividades físicas, lição de casa e mídia impressa.

Desse modo, além do cotidiano familiar e escolar, nota-se também a presença da adultização da infância, talvez de forma mais explícita, nos anúncios publicitários. Netto, Brei e Flores-Pereira (2010) e [Andrade e Costa \(2010\)](#) apontaram, ao analisarem peças publicitárias direcionadas ao público infantil feminino, que há o enaltecimento de valores sociais referentes ao universo adulto, como sofisticação e padrões de beleza relativos aos corpos adultos, enfatizando a erotização do corpo da criança e os apelos à pedofilia presentes em diversos artifícios do marketing. [Craveiro e Pellon \(2015\)](#), em estudo realizado em sites de jogos acessados por crianças brasileiras e espanholas confirmam a existência de uma massiva pressão publicitária em tais sites, com capacidade de influenciar efetivamente o consumo dos objetos ali apresentados, o que é preocupante, já que, não raras vezes, a criança não tem condições de avaliar criticamente o que é veiculado em tais anúncios. Assim, a imagem da criança é recorrentemente associada como objeto de desejo, mesclando ingenuidade e sensualidade, e a despeito do caráter inocente e imaculado atribuído à infância, nota-se que “constantemente a representação da inocência é substituída pela representação de pequenas lolitas, sedutoras e atraentes tanto na mídia quanto na mente dos adultos, o que faz o assunto ser um tabu ético e moral” ([Andrade & Costa, 2010, p. 244](#)). [Felipe e Guizzo \(2003\)](#) denominam esse processo como “pedofilização” da sociedade, e o problematizam na medida em que o apelo comercial relacionado às crianças se fortalece, e elas são descobertas como consumidores e objetos a serem consumidos.

Ainda em relação ao uso de eletrônicos, em especial os jogos, vale destacar que a próxima edição da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas relacionados com a Saúde (CID-11) incluirá o transtorno por jogos eletrônicos (Brito, 2018),

Muito além do aparelho televisivo, há hoje uma variedade enorme de dispositivos eletrônicos ancorados pela internet, cada vez mais disseminada e acessível aos pequenos pelos celulares, computadores, *tablets*... todos eles conquistam os olhares das crianças e contribuem para o acesso irrestrito a conteúdos de todos os tipos, inclusive de consumo. Portanto, além das familiares propagandas, vídeos conhecidos como “*unboxing*” tem-se tornado cada vez mais comuns; tal termo faz referência a vídeos que se destinam a mostrar um produto sendo desembalado, e as crianças têm buscado por eles, para verem brinquedos, jogos, surpresas de ovos de páscoa, doces, sendo desembalados. Muitas crianças, inclusive, são protagonistas desses vídeos de abertura de brinquedos, o canal de YouTube de um menino de seis anos figurou, em 2017, entre os 10 mais bem pagos do YouTube, de acordo com um levantamento da revista *Forbes*, segundo reportagem divulgada na Exame ([Caputo, 2017](#)), o garoto faturou 11 milhões em 2017.

Ainda em relação ao uso de eletrônicos, em especial os jogos, vale destacar que a próxima edição da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas relacionados com a Saúde (CID-11) incluirá o transtorno por jogos eletrônicos ([Brito, 2018](#)), o que certamente é algo preocupante, haja vista o fascínio que tais jogos incitam nos jogadores e cujo impacto em termos de saúde ainda trata-se de fenômeno recente e pouco conhecido, principalmente junto aos consumidores infantis. Em meio a tantas transformações sociais, culturais, políticas e históricas, será possível pensar na criança de hoje como infante, aquele que não fala? Migliora, Santos e Néri (2008) apesar de concordarem com Postman, de que os meios de comunicação eletrônicos possibilitaram um acesso indiferenciado das crianças ao mundo adulto, discordam da tese do autor de que infância esteja desaparecendo; para [Migliora et al. \(2008\)](#), trata-se de uma nova forma de infância, com novas subjetividades infantis emergindo. Faz-se então fundamental refletir acerca das influências exercidas pelo consumo e pela mídia no cotidiano infantil, e pensar sobre formas de conscientização e consumo responsável, bem como de cuidado e proteção às crianças.

Considerações sobre a patologização da infância

Além dos efeitos da mídia e do consumo no delineamento da infância na contemporaneidade, um aspecto que merece realce refere-se ao exíguo tempo dedicado às atividades livres, sem objetivos declarados a não ser o prazer que oferecem como é o caso das brincadeiras, a despeito da sua importância já suficientemente descrita na literatura por autores de diferentes orientações teóricas ([Aberastury, 2004](#); [Bomtempo, 2001](#); [Kishimoto, 2011](#); [Leontiev, 1998](#); [Moylés, 2002](#); [Winnicott, 1975](#)). Nesse sentido pondera-se que, a imobilidade do corpo, do domínio precoce de coordenação, normalmente frequentes em instituições escolares podem estar contribuindo para a exacerbação de sintomas de irritação, agitação, impulsividade e desatenção que ao serem identificados como pertencentes ao quadro de Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), também denominado de Transtorno Hipercinético ([Eidt e Tuleski 2010](#); [França, 2012](#)) transformam-se em patologias. Nessa perspectiva, os comportamentos infantis, corriqueiros em outras épocas e até incentivados na infância, hoje são tratados como-desordens neuropsicobiológicas ([Faria, 2011](#); [Información Farmacoterapéutica de la Comarca, 2013](#); [Welch, Schwartz, & Woloshin, 2008](#)).

Nesse sentido pondera-se que, a imobilidade do corpo, do domínio precoce de coordenação, normalmente frequentes em instituições escolares podem estar contribuindo para a exacerbação de sintomas de irritação, agitação, impulsividade e desatenção que ao serem identificados como pertencentes ao quadro de Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade.

A [Associação Americana de Psiquiatria \(2013\)](#) descreve os sintomas do TDAH, a partir de comportamentos, em termos de desatenção, como: não se atentar aos detalhes em se tratando de atividades escolares e/ou diárias; apresentar dificuldades na manutenção da atenção em tarefas ou atividades lúdicas; aparentar não ouvir ao ser lhe direcionado a palavra diretamente; não seguir instruções até que as mesmas tenham se findado; evitar, relutar em se envolver em tarefas que demandam esforço mental prolongado e parecer facilmente distraído por estímulos externos constituem condutas comuns da sintomatologia de desatenção. Por outro lado, são indicativos de hiperatividade e impulsividade, comportamentos de: mexer ou bater as mãos ou os pés ou se contorcer no assento; levantar da cadeira em momentos considerados inapropriados; correr ou subir em objetos ou estruturas em circunstâncias impróprias; agir como se estivesse "com o motor ligado"; falar demasiadamente e ter dificuldades para aguardar a sua vez, entre outros.

[Benczik e Casella \(2015\)](#) ao explicarem a dinâmica familiar onde pelo menos, um dos filhos apresenta o transtorno, concluem que as interações entre os mesmos "se caracterizam por mais conflitos, coerção e estresse, a disciplina pode ser mais frouxa, ou, então, hiperreativa, sendo o uso de estratégias parentais menos adaptativas daquelas observadas em famílias comuns" (p. 101). Nesse sentido, a [Información Farmacoterapéutica de la Comarca \(2013\)](#) assinala que o transtorno possui um forte componente social, de maneira que o limite entre as pessoas que realmente necessitam de tratamento e aquelas que não precisam de intervenções medicamentosas é definido com base em valores culturais, sendo que o mesmo comportamento pode ser decodificado de maneira diferente, dependendo do indivíduo que diagnostica e do contexto social vigente. Dentre os fatores culturais, destaca-se o grau de tolerância à sintomatologia, as expectativas dos pais e dos educadores e a cultura dos fármacos prescritos.

Em contrapartida, ao interpretarmos que os comportamentos infantis se constituem nas relações que envolvem aspectos de cunho afetivo, socioeducacional, pedagógico, linguístico, cultural e político e não apenas orgânicos, passamos a questionar as afirmações acima a respeito dos transtornos de déficit de atenção e a considerar aspectos envolvidos no processo de escolarização até então desconsiderados pela instituição escolar, pela interpretação médica e de setores "psi" ([Collares & Moysés, 2011](#); [Signor & Berberian, 2012](#); [Signor & Santana, 2012](#); [Signor, 2012](#); [Signor, 2013](#)).

Não há como negar que se vive uma patologização da infância. Nesse sentido, pululam explicações e hipóteses que vão desde alterações neuropsicológicas, passando por questões nutricionais, como por exemplo, a questão do envolvimento do glúten no espectro autista até as questões sociais e de natureza subjetiva. Utilizando novamente da metáfora do caleidoscópio, pode-se considerar que a cada virada ou rotação, se lança luz em uma dessas possíveis “causas”.

É relevante salientar que, sobretudo, psicólogos escolares e educacionais críticos, questionam a existência do TDAH, afirmando que o mesmo é consequência do estilo de vida do meio social ocidental, em que os fatos acontecem muito rapidamente ([Sagvolden, Johansen, Aase, & Russell, 2005](#)). [Collares e Moysés \(2011\)](#) alegam que o TDAH é uma construção social. [Meira \(2012\)](#) critica a descrição do transtorno, os tipos de sintomas que permeiam o seu diagnóstico e afirma que ambos revelam uma ausência de análise crítica referente às relações entre os fenômenos que acontecem na educação e o contexto histórico-social que a determina. A autora expõe ainda que, sem essa reflexão, muitas crianças “normais” podem ser rotuladas como tendo dificuldades de aprendizagem. Em geral, as escolas tendem a explicar o mau desempenho de seus alunos pela presença do TDAH ([Graeff & Vaz, 2008](#)).

Jerusalinsky (2011) menciona que, trata-se de uma atraente contradição, uma vez que o crescente número de diagnósticos, sustentando o caráter epidêmico do transtorno, se deu exatamente com a popularização dos medicamentos recomendados para o tratamento do distúrbio, principalmente a *Ritalina* e o *Concerta*.

Em acréscimo, encontra-se o volume crescente de encaminhamentos para os serviços médicos, de crianças cada vez mais jovens com sintomas de agitação, desatenção e impulsividade com o diagnóstico de Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade - TDAH, cujos efeitos da medicação pelo cloridrato de metilfenidato e a segurança de seu uso tem sido alvo de um expressivo número de estudos nacional e internacionais ([Brant & Carvalho, 2012](#); [Ferrazza, Rocha, & Rogone, 2010](#); [Pastura & Matos, 2004](#); [Storebo, Simonsen, & Gluud, 2016](#)).

Segundo o Boletim Brasileiro de Avaliação de Tecnologias em Saúde (2014), a taxa de prevalência do TDAH varia em torno de 3% a 16% em escala mundial. [Jenkins \(2011\)](#) aponta que cerca de um quarto de adultos nos Estados Unidos da América utilizam algum medicamento psicoativo, incluso *Ritalina* e *Concerta*. Entretanto, esse quadro não é algo específico de tal país, sendo que se espalha por diversos países da Ásia, África e América do Sul ([Rose, 2004](#); [Schlosser & Ninneman, 2012](#)). De acordo com o [Ministério de Saúde e Proteção Social da Colômbia \(2015\)](#), a prevalência do TDAH no país é de 3%, o que corresponde aproximadamente 317.665 casos. Em contexto brasileiro, as estimativas de prevalência dessa sintomatologia variam de 0,9% a 26,8%, sendo que, em 2009 e 2010, 442.143 crianças e adolescentes, entre cinco e dezoito anos, receberam o diagnóstico de TDAH ([Matos, Rohde, & Polanczyk, 2012](#)).

O [Institute for Clinical and Economic Review \(2012\)](#) menciona em seu sítio institucional que, os diagnósticos de Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) aumentaram nos últimos anos, sendo considerado uma condição comum entre crianças americanas. A comunicação relata uma prevalência variável entre 6-16%, estando presente em 5 milhões de crianças, com idades entre 4 e 17 anos, o que gerou um interesse significativo de vários setores da sociedade por diferentes opções de gerenciamento de tal situação. Por outro lado, [Jerusalinsky \(2011\)](#) menciona que, trata-se de uma atraente contradição, uma vez que o crescente número de diagnósticos, sustentando o caráter epidêmico do transtorno, se deu exatamente com a popularização dos medicamentos recomendados para o tratamento do distúrbio, principalmente a *Ritalina* e o *Concerta*. [Treceño et al. \(2012\)](#) assinalam que estratégias de *marketing* das indústrias farmacêuticas colaboraram para a ampliação do consumo

A despeito do grande desenvolvimento teórico, evidenciado por várias abordagens sobre a importância do estágio de vida infantil, nas mais diversas áreas de saber, na prática, parece haver um descompasso entre os que as teorias apregoam como adequado, com o cotidiano vivido nas famílias, cujo o foco é sempre o vir a ser, o futuro em detrimento às experiências do presente e, nas instituições infantis que acabam por refletir tal realidade.

de metilfenidato (princípio ativo de tais fármacos), gerando uma "bomba" de diagnósticos e a prescrição inapropriada dos medicamentos estimulantes.

A [Organização das Nações Unidas- ONU \(2015\)](#) aponta que, a crescente fabricação e consumo de metilfenidato são acontecimentos globais. Na década de 1980, o uso de tal substância era estável, porém nos anos de 1990, o consumo excedeu em mais de cinco vezes, em relação à década anterior, principalmente pelo aumento do uso nos Estados Unidos, o que também foi observado em outros países. Em 2013, 72 toneladas de *Ritalina* ou *Concerta* foram produzidos, sendo importante destacar que os Estados Unidos da América e o Reino Unido são os maiores fabricantes do fármaco, responsáveis, respectivamente, por 77% e 20% da produção. No Brasil, é relevante mencionar que entre 2009 e 2014, a região Sudeste foi apontada como a maior consumidora de Ritalina e o estado de São Paulo, responsável por 20% do consumo de toda a nação brasileira, enquanto em Minas Gerais, o mesmo foi de 15,6%, o que levou o Conselho Nacional de Saúde a elaborar a Recomendação N° 019, de 08/10/2015, que trata sobre a necessidade de "promoção de práticas não medicalizantes por profissionais e serviços de saúde, bem como recomenda a publicação de protocolos clínicos e diretrizes terapêuticas para prescrição de metilfenidato, de modo a prevenir a excessiva medicalização de crianças e adolescentes".

O [Boletim Brasileiro de Avaliação de Tecnologias em Saúde \(2014, p. 9\)](#) afirma que "as evidências sobre a eficácia e segurança do tratamento com o metilfenidato em crianças e adolescentes, em geral, têm baixa qualidade metodológica, curto período de seguimento e pouca capacidade de generalização". Com relação, especificamente à Ritalina, a bula do medicamento apresenta que o mesmo:

[...] pode provocar muitas reações adversas; seu mecanismo de ação no homem ainda não foi completamente elucidado e o mecanismo pelo qual o metilfenidato exerce seus efeitos psíquicos e comportamentais em crianças não está claramente estabelecido, nem há evidência conclusiva que demonstre como esses efeitos se relacionam com a condição do sistema nervoso central; a etiologia específica dessa síndrome é desconhecida e não há teste diagnóstico específico; o diagnóstico correto requer a investigação médica, neuropsicológica, educacional e social; pode causar dependência física ou psíquica ([MedicinaNet, s/d.](#)).

Por que, então, oferecemos esse tipo de medicamento às nossas crianças? Falta informação, conscientização da população? O que fazer diante desse panorama atual em que se torna evidente uma sociedade altamente medicalizada e medicalizante?

Considerações Finais

O presente artigo, embora de modo modesto, traz algumas reflexões sobre o modo como a infância tem sido tratada na contemporaneidade na nossa sociedade. A despeito do grande desenvolvimento teórico, evidenciado por várias abordagens sobre a importância do estágio de vida infantil, nas mais diversas áreas de saber, na prática, parece haver um descompasso entre os que as teorias apregoam como adequado, com o cotidiano vivido nas famílias, cujo o foco é sempre o vir a ser, o futuro em detrimento às experiências do presente e, nas instituições infantis que acabam por refletir tal realidade.

Crianças com comportamentos mais sedentários, cujas brincadeiras parecem ser prioritariamente organizadas pelo uso de tecnologias (celulares, brinquedos eletrônicos etc), com pouco ou quase nenhum apego à interação advinda do mundo real, do

contato verdadeiramente humano, propiciado pelas trocas com os pares são cada vez mais frequentes na rotina infantil. [Leontiev \(1998\)](#) nos ensina que a principal linguagem da criança é o brincar, já que a sua ação possibilita a expressão infantil e o desenvolvimento de um expressivo número de funções cognitivas, sociais e emocionais.

Em acréscimo, temos uma infância em que os comportamentos adultos são priorizados, haja vista o papel da mídia no incentivo do consumo de bens e serviços que se aproximam dos desejos do mundo adulto, como a ênfase no corpo esbelto, a aquisição de celulares com múltiplas funções, entre outros itens, há a questão que não pode ser desconsiderada, que se refere ao uso expressivo e frequente de medicamentos para conter os quadros diagnosticados como agitação, impulsividade e/ou desatenção (Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade- TDAH), cujos efeitos em longo prazo ainda não é possível dimensionar. Conforme citado ao longo do texto e sem querer ser simplista, pois a literatura científica já se incumbiu de mostrar tal relação, temos que se a criança não brinca ou fica muito tempo sedentária e aí, a agitação e a impulsividade irrompem, será que a solução são as medicações?

“Voltando ao Normal”, escrito por [Allen Frances \(2016\)](#), parece fazer um *mea culpa* sobre o excesso de diagnósticos, em especial do TDHA que vem sendo realizados, levando a uma medicalização em excesso. Assim, experiências e emoções que são esperadas ao longo do desenvolvimento acabam sendo consideradas patológicas, que devem ser medicadas e não significadas ou ressignificadas na contínua construção humana.

Desse modo, nos parece ser preciso resgatar e permitir que a infância seja entendida como um período de centenas de linguagens, como argumenta [Malaguzzi \(1994\)](#) e que, dentre elas, seja resgatado o brincar e quem sabe, patologias que demandam tantas drogas deletérias para a contenção dos movimentos infantis possam cada vez mais fazer parte de um triste capítulo da história da infância, dando lugar para um desenvolvimento mais pleno, que só é possível mediante a satisfação das necessidades infantis.

Diante do cenário apresentado, que deverá exigir um esforço árduo de diversos segmentos da sociedade, como políticos, educadores, psicólogos, pais e/ou responsáveis e outros, para ao ouvirem a criança e suas necessidades possam avançar para um atendimento de qualidade à infância, compreende-se que cabe à Psicologia Escolar, em especial, pela possibilidade de atuação em contextos escolares e pelo acesso a todos os atores que permeiam o universo infantil, pensar em alternativas que possibilitem que a criança tenha sua imagem e seus direitos garantidos, preservados e cuidados. A infância é reconhecidamente uma etapa fundamental para o desenvolvimento de todos os seres humanos, sendo o brincar vislumbrado como a atividade própria da infância, considerado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA – ([Brasil, 2013](#)) como um direito: o direito à liberdade.

Referências

- Aberastury, A. (2004). *Psicanálise da criança: teoria e técnica*. Porto Alegre: Artmed.
- Alegria, J. (2008). O consumo audiovisual culturalmente ativo na infância. In R. Duarte (Org.), *A televisão pelo olhar das crianças* (pp. 81-94). São Paulo: Cortez.
- Andrade, P. D., & Costa, M. V. (2010). Usando crianças para vender: infância e consumo na publicidade de revistas. *Revista reflexão e ação*, 18(2), 230-248.
- Ariès, P. (2006). *História social da criança e da família* (2ª ed.). Rio de Janeiro: LTC.
- Aristóteles. (1985). *Política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

- Associação Americana de Psiquiatria. (2013). *Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade*. No Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (5ª ed.). Washington, DC: Autor.
- Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica (ABESO). (2016). *Diretrizes brasileiras de obesidade* (4ª ed.). São Paulo: Autor.
- Badinter, E. (1985). *Um Amor Conquistado: o mito do amor materno*. 4ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Benczik, E. B. P., & Casella, E. B. (2015). Compreendendo o impacto do TDAH na dinâmica familiar e as possibilidades de intervenção. *Rev. Psicopedagogia*, 32(97), p. 93-103.
- Boletim Brasileiro de Avaliação de Tecnologias em Saúde. (2014). *Metilfenidato no tratamento de crianças com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade*. Disponível em: <http://portal.anvisa.gov.br/wps/wcm/connect/f9021b8047aad12aa094af917d786298/brats23.pdf?MOD=AJPERES>
- Bomtempo, E. (2001). Brincar, fantasiar, criar e aprender. Em V. B. de Oliveira (Org.). *O brincar e a criança do nascimento aos seis anos*. (pp. 127-149). Petrópolis: Vozes.
- Brant, L. C., & Carvalho, T. R. F. (2012). Metilfenidato: medicamento gadget da contemporaneidade. *Interface: Comunicação e Saúde*, 16(42), p. 623-636.
- Brasil. (1990). *Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990*. Brasília, DF: Casa Civil.
- British Broadcasting Corporation (BBC). (2010). Menino obeso de 5 anos retrata geração que 'pode morrer antes dos pais'. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/ciencia/2010/04/100414_meninoobesoml.shtml
- Brito, D. (2018). Atualização da Classificação de Doenças terá transtorno por jogos eletrônicos. *Agência Brasil*. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-01/atualizacao-da-classificacao-de-doencas-tera-transtornos-por-jogos-eletronicos>
- Campos, M. M. (Coord.). (2010). *Sumário Executivo Educação Infantil no Brasil: Avaliação Qualitativa e Quantitativa*, São Paulo: Fundação Carlos Chagas; Brasília: Ministério da Educação e Banco Interamericano de Desenvolvimento.
- Caputo, V. (2017). Menino de 6 anos fica milionário testando brinquedos no YouTube. *Exame*. Disponível em <https://exame.abril.com.br/tecnologia/menino-de-6-anos-fica-milionario-testando-brinquedos-no-youtube/#>
- Carvalho, A. M., & Pereira, A. S. (2008). Qualidade em ambientes de um programa de educação infantil pública. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24(3), 269-277.
- Collares, C. A. L., & Moysés, M. A. A. (2011). Preconceitos no cotidiano escolar: a medicalização do processo ensino-aprendizagem. Em Conselho Regional de Psicologia de São Paulo; Grupo Interinstitucional Queixa Escolar (Org.). *Medicalização de crianças e adolescentes: conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doenças de indivíduos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Comenius, J.A. A. (2006). *Didática Magna*. São Paulo: Martins Fontes.
- Conselho Nacional de Saúde. (2015). Recomendação Nº 019, de 08 de outubro de 2015. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/recomendacoes/2015/reco019.pdf>
- Craveiro, P.S.U., & Pellon, D. M. (2015). Exposição infantil a publicidade em sites de jogos do Brasil e da Espanha. *Comunicação, Mídia e Consumo*, 12(34), 67-88.
- Duarte, R. (2008). Introdução. Em R. Duarte (Org.), *A televisão pelo olhar das crianças* (pp. 17-40). São Paulo: Cortez.
- Duarte, R., Migliora, R., & Leite, C. (2008). O que as crianças pensam sobre o que aprendem com a tevê. Em R. Duarte (Org.), *A televisão pelo olhar das crianças* (pp. 95-107). São Paulo: Cortez.
- Eidt, N. M., & Tuleski, S. C. (2010). Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade e Psicologia Histórico-Cultural. *Cadernos de Pesquisa*, 40(139), 121-146.

- Faria, A. M. D. B. (2011). *Criança com transtorno do déficit de atenção e hiperatividade: um olhar sobre o cuidador primário*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Felipe, J., & Guizzo, B. S. (2003). Erotização dos corpos infantis na sociedade de consumo. *Pro-Posições*, 14(3), 119-130.
- Ferrazza, D.A., Rocha, L. C., & Rogone, H. M. H. (2010). A prescrição banalizada de psicofármacos na infância. *Revista de Psicologia da UNESP*, 9(1), p. 36-44. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/127236>
- Fischberg, J. (2008). Telenovela como porta de entrada para o mundo adulto. Em R. Duarte (Org.), *A televisão pelo olhar das crianças* (pp. 108-121). São Paulo: Cortez.
- França, M. T. de B. (2012). Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH): ampliando o entendimento. *Jornal de Psicanálise*, 45(82), 191-207.
- Frances, A. (2016). *Voltando ao normal*. Rio de Janeiro: Versal.
- Graeff, R. L., & Vaz, C. E. (2008). Avaliação e diagnóstico do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH). *Psicologia – USP*, 19(3), 341-361.
- Harms, T., Cryer, D., & Clifford, R. (1998). *Early Childhood Environment Rating Scale Revised Edition*. New York: Teachers College Press.
- Harms, T., Cryer, D., & Clifford, R. (2003). *Infant/toddler Environment Rating Scale Revised Edition*. New York: Teachers College Press.
- Información Farmacoterapéutica de la Comarca. (2013). Trastorno por Déficit de Atención con Hiperactividad (TDAH): ¿Infra o Sobrediagnosticado? ¿Infra o Sobremedicalizado? Una Reflexión. *Eskualdeko Farmakoterapi Informazioa*, 21(5), 34-39.
- Institute for Clinical and Economic Review. (2012). *Attention Deficit Hyperactivity Disorder*. Disponível em: <https://icer-review.org/?s=Attention+Deficit+Hyperactivity+Disorder+%28ADHD%29>
- Jenkins, J. H. (2011). *Pharmaceutical Self: The Global Shaping of Experience in an Age of Psychopharmacology*. Santa Fe: SAR Press.
- Jerusalinsky, A. (2011). Gotinhas e comprimidos para crianças sem história: uma psicopatologia pós-moderna para a infância. In A. Jerusalinsky & S. Fendrik (Orgs.), *O livro negro da psicopatologia contemporânea* (231-242). São Paulo: Via Lettera,
- Kishimoto, T. M. (Org.). (2011) *O jogo e a educação infantil: Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação* (14º ed.). São Paulo: Cortez.
- Kohan, W. O. (2003). *Infância: Entre educação e filosofia*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Leontiev, A.N. (1998). Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In L. SVigostki,, A. R Luria,, & A. N. Leontiev, *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo.
- Linn, S. (2006). *Crianças do consumo: a infância roubada*. São Paulo: Instituto Alana.
- Malaguzzi, L. (1994). *Your Image of the Child: Where Teaching Begins*. Disponível em <https://www.reggioalliance.org/downloads/malaguzzi:ccie:1994.pdf>
- Mattos, P., Rohde, L. A., & Polanczyk, G. V. (2012). O TDAH é Subtratado no Brasil. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 34(0), 513-516.
- McNeal, J. U. (2000). *Children as consumers of commercial and social products*. Washington: Pan America Health Organization.
- MedicinaNet. (s.d.). *Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade*. Disponível em http://www.medicinanet.com.br/pesquisas/transtorno_do_deficit_de_atencao_com_hiperatividade.htm
- Meira, M. E. M. (2012). Para uma crítica da medicalização na educação. *Psicologia Escolar e Educacional*, 16(1), 136-142.

- Migliora, R., Santos, F. R., & Néri, G. G. (2008). O que as crianças pensam sobre os telejornais. Em R. Duarte (Org.), *A televisão pelo olhar das crianças* (pp. 149-163). São Paulo: Cortez.
- Ministerio de Salud y Protección Social de Colombia. (2015). *Encuesta Nacional de Salud Mental 2015*. Colombia: Javegraf.
- Moyles, J. R. (2002). *Só brincar? O papel do Brincar na Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed.
- Netto, C. F. S., Brei, V. A., & Flores-Pereira, M. T. (2010). O fim da infância? As ações de *marketing* e a "adultização" do consumidor infantil. *Revista de Administração Mackenzie*, 11(5), 129-150.
- O Dia. (2016). 'The Voice Kids' apresenta pequenas emoções e aumenta audiência dominical. *O Dia - iG*. Disponível em: <http://odia.ig.com.br/diversao/2016-01-11/the-voice-kids-apresenta-pequenas-emocoes-e-aumenta-audiencia-dominical.html>
- Organização das Nações Unidas. (2015). Report of the International Narcotics Control Board for 2014. United Nations: *International Narcotics Control Board*. Disponível em: <https://www.incb.org/incb/en/publications/annual-reports/annualreport-2014.html>
- Pastura, G., & Mattos, P. (2004). Efeitos colaterais do metilfenidato. *Rev. Psiqu. Clín.* 31(2), 100-104.
- Postman, N. (1999). *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia.
- Público. (2006). "Googlar" reconhecido como verbo. *Público*. Disponível em: <https://www.publico.pt/2006/07/08/jornal/googlar-reconhecido-como-verbo-87950>
- Rose, N. (2004). Becoming neurochemical selves. In: Stehr, N. (Org.), *Biotechnology, commerce and civil society*. New York: Transaction Press.
- Rousseau, J. J. (2004). *Emílio ou Da educação* (3ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Sagvolden, T., Johansen, E., Aase, H., & Russell, V. (2005). A Dynamic Developmental Theory of ADHD Predominantly Hyperactive/Impulsive and Combined Subtypes. *Behavioral and Brain Sciences*, 28(3), 397-419.
- Schlosser, A., & Ninneman, K. (2012). The Anthropology of Psychopharmaceuticals: Cultural and Pharmacological Efficacies in Context. *Culture, Medicine and Psychiatry*, 36(1), 2-9.
- Signor, R. (2012). O gênero sinopse como proposta de ação fonoaudiológica voltada para o desenvolvimento de competências em leitura e escrita. *Bakhtiniana*, 7(1), 219-239.
- Signor, R. (2013). Transtorno de Déficit de Atenção/ Hiperatividade: Uma Análise Histórica e Social. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, 13(4), 1145-1166.
- Signor, R., & Berberian, A. P. (2012). Terapia em grupo voltada à linguagem escrita: uma proposta com base nos gêneros do discurso. In Berberian, A.P.; Santana, A.P. *Fonoaudiologia em contextos grupais: referenciais teóricos e práticos*. Curitiba: Plexus ..
- Signor, R., & Santana, A. P. (2012). Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade: implicações para a linguagem escrita. In H. Moura, M.B. Mota, A.P. Santana (Orgs.). *Cognição, Léxico e Gramática*. Florianópolis: Insular.
- Storebo O. J., Simonsen E., & Gluud C. (2016). Methylphenidate for children and adolescents. *JAMA*, 315(18). Disponível em www.10.1001/jama.2016.3611
- Storebo, O. J., Simonsen, E., & Gluud, C. (2016). Methylphenidate for Attention-Deficit/Hyperactivity Disorder in Children and Adolescents. *JAMA*, 315(18), 2009 -2010.
- Strasburger, V. C., Wilson, B. J., & Jordan, A. B. (2011). *Crianças, adolescentes e a mídia*. Porto Alegre: Penso.
- Tobón, J.D., Veja, M., & Cuervo, J. (2012). Características de la construcción del vínculo afectivo de pareja en la juventud en la ciudad de Medellín. *Revista CES Psicología*, 5(1), 49-64.

- Treceño C., Martín A. L.H., Sáinz M., Salado I., García O. P., Velasco V., ... Carvajal A. (2012). Trends in the Consumption of Attention Deficit Hyperactivity Disorder Medications in Castilla y León (Spain): Changes in the Consumption Pattern Following the Introduction of Extended Release Methylphenidate. *Pharmacoeconomol Drug Saf*, 21(4), 435-41.
- Twenge, J. M., Joiner, T. E., Rogers, M. L., & Martin, G. N. (2018). Increases in Depressive Symptoms, Suicide-Related Outcomes, and Suicide Rates Among U.S. Adolescents After 2010 and Links to Increased New Media Screen Time. *Clinical Psychological Science*, 6(1), 3-17.
- Vectore, C. (1992). *A escolha da pré-escola: um problema de Psicologia do Consumidor*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Welch, G., Schwartz, L., & Woloshin, S. (2008). O que está nos deixando doentes é uma epidemia de diagnósticos. *Jornal do Cremesp*. The New York Times, 2007.
- Winnicott, D. W. (1971/1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.